

APRESENTAÇÃO

Este décimo número da revista VERBO DE MINAS: letras tem como temática a literatura e a mídia. Os ensaios aqui apresentados tecem reflexões sobre as relações da literatura com os novos meios, nascidos da civilização da era da máquina - o cinema, a televisão, o computador - no seu caminhar ao longo da história. Essas relações marcam-se por um viés que se poderia considerar perverso, considerando-se, sobretudo, os dois sentidos registrados para o termo no dicionário de língua portuguesa do Houaiss. Primeiro: tornar perverso ou mau, depravar. Segundo: efetuar alteração em; desfigurar. De acordo com a etimologia, perverso vem do latim *perversus*, significando virado às avessas, desordenado, feito em desacordo com as regras, os costumes.

Nas relações da literatura com a mídia, geradas pelas conquistas tecnológicas, tanto existe este sentido voltado para o lado mau, depravado, quanto para um sentido de transformação, de mudanças. Se o mundo foi virado às avessas, precisamos de nos conscientizar dos meios para torná-lo manifesto dentro dos padrões vigentes. Se os meios mudaram, o discurso do homem através da literatura não morreu. Há que conviver com os veículos disponíveis. Saímos da idade das cavernas, estamos vivendo novos tempos. A mídia não pode ser ignorada.

A mídia carrega o efeito perverso de abrir caminho para a insensibilidade e a não participação humana, anestesiando o telespectador para a percepção real dos fatos apresentados. E ele vai-se tornando um especialista em enganar-se a si próprio. Recorre a mecanismos de defesa para se acomodar no seu ponto de vista. Racionaliza, tornado-se indiferente ao que acontece em torno dele. Se iraquianos estão sendo massacrados em nome de uma pseudo-reorganização do país, se existem crianças definhando em um lugar qualquer da África ou enganando a fome em um lixão de uma grande cidade latino-americana qualquer, isto não é um gesto de toda a humanidade,



e, afinal de contas, além de não ter acontecido em seu jardim, essas injustiças se deram com minorias, com povos subdesenvolvidos, em circunstâncias que algum dia serão superadas. Não acontecem normalmente. A distância entre o espectador e os fatos justifica o não envolvimento. A câmara, esse olhar de longe, transforma os acontecimentos em reflexos, em imagens nebulosas. As cenas a que assistimos vindas do mundo inteiro, ora cruéis, ora alegres, passando pelo olho armado com teleobjetivas e lentes, trazem-nos sempre uma sensação de espetáculo.

Todavia, se existe muitas vezes nos fatos apresentados um efeito perverso embutido, as novas conquistas tecnológicas permitem também uma aproximação positiva entre sujeito e objeto. Podemos entrar em museus e bibliotecas, pesquisar com mais eficiência arquivos culturais, levar a cultura a um círculo maior de pessoas, antes à margem dela. Se o DVD rouba a magia do cinema, se as reproduções da era da máquina jogam por terra a aura de objetos de arte, essa quebra de distanciamento facilita o acesso a bens culturais em muito maior grau.

Por conseguinte, essas relações com a mídia podem ser cruéis, mas podem também ser tomados no sentido de mudança. Por que não positiva? Deixemos que os ensaios tragam subsídios, abram pontos de reflexão a partir das questões aqui colocadas. São sete os artigos sobre esse tema apresentados neste décimo número da revista: A estrutura da imagem, de Gilberto Mendonça Teles; Literatura e cinema: uma questão de ponto de vista, de Maria de Lourdes Abreu de Oliveira; Literatura: televisão, jornalismo, Internet, transdisciplinaridade, de Pedro Pires Bessa; Em busca do espectador novo – Glauber passa pela televisão, de Marília Rotier Cardoso; A imprensa feminina, de Eliane Vaconcelos; Severinos e Iracemas – uma leitura do Brasil atual em fotos de Sebastião Salgado e canções de Chico Buarque, de Alexandre Graça Faria; A Hora da Estrela, de Clarice Lispector e Suzana Amaral, de Nícea Helena Nogueira.

Esperamos que os ensaios aqui apresentados ajudem a percorrer com mais clareza os caminhos da literatura em sua relação com as conquistas da era da máquina e que essas relações perversas, nascidas da convivência da literatura com a



mídia, signifiquem um avanço na difícil e intrincada maneira de compreender as adaptações que o Poeta tem que enfrentar, para tornar manifesta a sua voz através de novos veículos, postos à disposição do Homem, na caminhada pela História, para que seja ouvido o grito das relações entre ele e o mundo.

São, ainda, publicados, neste número, textos literários que fogem à temática proposta, mas valorizam o conteúdo da revista, assinados por poetas-críticos mineiros: Oscar da Gama: um poeta à procura da própria identidade no complexo estilístico finissecular, de Fernando Fábio Fiorese Furtado; Poesia brasileira contemporânea: invenção e liberdade na tradição cultural afro-brasileira, de Edimilson de Almeida Pereira; O que é Inferno Provisório, de Luiz Rufatto. A seção de Recensão Crítica, apresenta um texto de Therezinha Mucci Xavier: “A inscrição primorosa”. E continuamos com o Banco de Dissertações, para divulgar, tanto para o mundo acadêmico como para os demais leitores as pesquisas que vêm sendo realizadas nesta IES, na expectativa de trocas e críticas que possam permitir crescimento e divulgação culturais.

Agradecemos a todos os que nos enviaram trabalhos, reforçando as linhas de pesquisa do Programa de Mestrado em Letras do CES/JF, com área de concentração em Literatura Brasileira, contribuindo, pelo brilho dos ensaios enviados, pelas reflexões levantadas, para torná-las mais fortes nos meios acadêmicos.

Maria de Lourdes Abreu de Oliveira
Comissão Editorial

